

DOSSIÊ

III SIMPÓSIO ANTIGOS E MODERNOS

III Ancients and Moderns Symposium

APRESENTAÇÃO

Do mar apenas sobrevivendo interlocução e árido vento, do mar tão caro aos gregos, ocorre-nos pensar na obra *Symposiaka*, de Plutarco. O título da obra já revela o tema de discussão e o sentido primordial da concepção de simpósio: “se é preciso filosofar acompanhado de vinho”, ou seja, se nas discussões filosóficas há lugar para o vinho e Dioniso. No contexto da narrativa dessa obra, depois de apresentados os posicionamentos contrários dos vários interlocutores, o vinho se mostra como o elo simbólico que reúne diferentes tipos de pensar e de agir, a partir de um mesmo *topos* ou unidade temática escolhida por todos.

Do *genos sympotikon* brotam as narrativas aqui escritas, narrativas essas marcadas pela diversidade: perspectivas diversas, finalidades diversas. Neste estado de ânimo, foi organizado este III Simpósio Antigos e Modernos, pela iniciativa do grupo de estudos “Encruzilhadas de Narrativas”, composto inicialmente por professores e alunos advindos das áreas da História, da Literatura e das Letras Clássicas, a que, posteriormente, se filiaram estudiosos das áreas da Filosofia e da Psicologia.

O I Simpósio Antigos e Modernos, realizado em 2007, propôs como eixo temático as várias formas de abordagem da narrativa empreendidas pela historiografia antiga e moderna e pelos teóricos e críticos da literatura e das Letras Clássicas, sob o título “Encruzilhadas entre História e Literatura”. Em 2008, demos continuidade ao projeto com o II Simpósio, intitulado “Caminhos da alteridade: o outro na religião, na história, na literatura”, em que o debate se cerrou sobre o tema da alteridade. O que ora apresentamos é o resultado do nosso III Simpósio Antigos e Modernos: “Todos os sexos: questões de gênero”, realizado em novembro de 2009, na UFPR.

A temática dos gêneros tem tomado grande parte do discurso contemporâneo, não só na academia, como também na mídia e no cotidiano: estamos cercados de informações, prescrições, ensinamentos, protestos, instituições, tribos etc., marcados pela discussão sobre a (in)definição dos gêneros e sobre seus resultados éticos e estéticos. Na academia, a importância desses estudos e debates se torna notável se meramente enumerarmos correntes novas, que pesquisam o tema: a partir da psicanálise (que parece ser uma verdadeira revolução no estudo da sexualidade e de sua influência profunda na sociedade), podemos citar, dentre outros, a esquizoanálise, os estudos culturais e a teoria *queer*.

Interpretar esse movimento recente como uma mera conclusão histórica de libertarismo e fim dos preconceitos seria, entretanto, demasiado ingênuo; e é por essa complexidade inerente ao problema que o tema sugere

um debate interdisciplinar, como o que nós pretendemos realizar nesse III Simpósio. Como se poderia depreender a partir do seu título, o objetivo desde o início foi incorporar, abarcar o máximo de temáticas, períodos, propostas e pontos de vista para evitar as sempre possíveis exclusões, sobretudo quando o tema tem um caráter, digamos, incômodo como este.

O resultado, como vocês podem constatar pelos artigos deste dossiê, foi bastante fértil no quesito diversidade, que abrange cenas que vão da Grécia arcaica ao Brasil nos fins do Império, com enfoques que vão da antropologia, passam pela filosofia, psicanálise e história e abarcam a literatura e a hagiografia: temos uma visão da formulação das imagens de homens, deuses e monstros e de suas delimitações no imaginário da Grécia antiga, apresentada por Ezio Pellizer, da Universidade de Trieste, e uma discussão da representação de figuras históricas fundamentais, como César e Cleópatra, na *Farsália* (ou *Guerra Civil*) de Lucano, desenvolvida por Alessandro Rolim de Moura. Inara Zanuzzi apresenta um ponto de vista filosófico sobre o prazer em Aristóteles, conceituado pelos ideais éticos de temperança e continência e tomando por exemplo a bestialidade; Pedro Ipiranga trata do travestimento da figura da santa ou da mártir e da refiguração e do transpassamento de padrões de gênero na constituição da imagem feminina em certos escritos cristãos desde o século III d.C. até princípios da Idade Média, o que acaba por gerar o protótipo da santa travestida nas narrativas hagiográficas; por fim, Brunno Vieira comenta o problema da incorporação dos discursos de gênero e de tabus pelo viés da recepção tradutória dos clássicos no Brasil Imperial.

Por breve que seja este dossiê, esperamos que sua abrangência seja de interesse para a discussão contemporânea. A ausência de síntese, indicada pelos tópicos aqui apresentados, talvez seja o ponto mais importante do debate como um todo: processos complexos, como os que permeiam o imaginário, a moral e as produções discursivas não podem ser abarcados unitariamente; e o grande problema dos gêneros parece ser a versatilidade do humano em se desdobrar para além das formatações estabelecidas em cada sociedade. Nesse sentido, a tendência determinante parece se desmanchar em face do múltiplo.

Guilherme Gontijo Flores
Pedro Ipiranga Júnior
Organizadores